

Música e inclusão: ensino de música para estudantes com Síndrome de Down em um projeto na cidade de Teresina-Piauí

Music and inclusion: teaching music to students with Down Syndrome in a project in the city of Teresina-Piauí

Viviane da Cunha Neves¹

Universidade Federal do Piauí - UFPI

Hellyson Rodrigues Costa²

Universidade Federal do Piauí - UFPI

Gabriel Nunes Lopes Ferreira³

Universidade Federal do Piauí - UFPI

RESUMO

O presente trabalho discute sobre o ensino de instrumento musical no contexto específico de alunos com a Trissomia 21 ou Síndrome de Down. O objetivo dessa pesquisa foi compreender como acontece o processo de ensino- aprendizagem musical junto a jovens com a Síndrome de Down. Para tal, foi utilizado como locus dessa pesquisa, um projeto de ensino de música no município de Teresina (Piauí). Para o desenvolvimento desse trabalho foram realizadas entrevistas com dois professores de instrumento musical do projeto na busca de identificar estratégias mobilizadas pelos professores com jovens com a Síndrome de Down. Por conseguinte, investigou-se também os meios e os resultados oriundos dessa forma de ensino pela perspectiva dos educadores através do olhar autocrítico. Nesta perspectiva, o trabalho dialoga com o desenvolvimento desses alunos em vistas aos aspectos educacionais, sociais e mentais, além das especificidades de desenvolvimento e a construção de conhecimentos e saberes durante esse processo na visão dos docentes. Além disso, traz reflexões sobre aspectos estruturais, pedagógicos, educacionais no contexto das deficiências, do ensino inclusivo, da educação especial e do diálogo destes campos com a Educação Musical.

Palavras-chave: Síndrome de Down. Educação Especial. Educação Inclusiva. Educação Musical. Ensino de Instrumento musical.

¹ Licenciada em Música pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, Piauí Brasil. Rua 12 doze de dezembro, 4900; Vila Madre Teresa, Bairro Samapi CEP: 64.058.220. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5223-9051>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4965663750448841>. E-mail: vivianedacunhaneves@gmail.com.

² Licenciado em Música pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, Piauí, Brasil. Rua Polidoro Bulamarqui, 2777; Paque Ideal, CEP 64078700. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0059-2694> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5717951521180352>. E-mai: rodrigueshellyson@gmail.com.

³ Doutorado em Música Universidade Federal do Ceará (UFC), Teresina, Piauí, Brasil. Avenida Presidente Kennedy, 8200 – Casa 50. Professor Adjunto do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE) do Centro de Ciências da Educação (CCE/UFPI) da Universidade Federal do Piauí (UFPI). ORCID iD: [HTTPS://ORCID.ORG/0000-0001-9617-1880](https://ORCID.ORG/0000-0001-9617-1880) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1173292612038089>.

ABSTRACT

The present work discusses the teaching of musical instrument in the specific context of students with Trisomy 21 or Down Syndrome. The objective of this research was to understand how the musical teaching-learning process happens with young people with Down Syndrome, based on theoretical basis and literature review. To this end, a music teaching project in the city of Teresina-PI was used as the locus of this research. Therefore, for the development of this work, interviews were carried out with two musical instrument teachers from that project, in the search to identify strategies mobilized by teachers with young people with Down Syndrome. Therefore, the means and results arising from this form of teaching were also investigated from an aspect and a self-critical view of educators. In this perspective, the work dialogues with the development of these students in view of the educational, social and mental aspects, in addition to the biological specificities and the construction of knowledge and knowledge during this process in the view of the teachers. In addition, it brings reflections on structural, pedagogical, educational aspects in the context of disabilities, inclusive education, special education and the dialogue of these fields with music education.

Keywords: Down's syndrome. Special education. Inclusive education. Musical education. Musical Instrument Teaching.

RESUMEN

El presente trabajo aborda la enseñanza del instrumento musical en el contexto específico de alumnos con Trisomía 21 o Síndrome de Down. El objetivo de esta investigación fue comprender cómo ocurre el proceso de enseñanza-aprendizaje musical con jóvenes con Síndrome de Down. Para ello, se utilizó como locus de esta investigación un proyecto de enseñanza de la música en la ciudad de Teresina (Piauí). Para el desarrollo de este trabajo, se realizaron entrevistas a dos docentes de instrumentos musicales de ese proyecto, en la búsqueda de identificar estrategias movilizadas por docentes con jóvenes con Síndrome de Down. Por lo tanto, los medios y resultados derivados de esta forma de enseñanza también fueron investigados desde la perspectiva de los educadores a través de una mirada autocrítica. En esta perspectiva, el trabajo dialoga con el desarrollo de estos estudiantes en los aspectos educativo, social y mental, además de las especificidades del desarrollo y la construcción del saber y el saber durante este proceso en la visión de los docentes. Además, trae reflexiones sobre aspectos estructurales, pedagógicos, educativos en el contexto de la discapacidad, la educación inclusiva, la educación especial y el diálogo de estos campos con la educación musical.

Palabras - Clave: Síndrome de Down. Educación Especial. Educación Inclusiva. Educación Musical. Ensino de Instrumento musical

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A educação musical no Brasil tornou-se um campo em crescente expansão e consolidação. Apesar de entraves e dificuldades estruturais encontradas, se constitui como um fundamento indispensável para o desenvolvimento da cultura musical que caracteriza qualquer sociedade.

Diante desse aspecto de expansão, um fator a ser abordado dentro do campo da educação musical, sobretudo o da educação instrumental é o da inclusão, mais especificamente o da abordagem de ensino musical instrumental com alunos com déficits cognitivos. Em vista disso, para os fins dessa pesquisa, serão abordados os aspectos de educação musical e instrumental com alunos com a Síndrome de Down.

Nessa perspectiva, a pergunta que norteará o presente trabalho é: **como se dá o processo de ensino musical de jovens com síndrome de Down em um projeto de ensino de música no município de Teresina (Piauí)?** A partir desse contexto, com fruto em experiências pessoais

e observacionais da pesquisadora como professora de instrumento musical, tendo alguns alunos com Síndrome de Down e estando ciente das complexidades e dos desafios, surgiu o interesse e a inquietação de conhecer e investigar as abordagens de outros professores diante desses mesmos casos.

Diante disso, tem-se como objetivo principal compreender como acontece o processo de ensino-aprendizagem musical junto a jovens com Síndrome de Down, utilizando como espaço da pesquisa um projeto de ensino de música no município de Teresina-PI.

Além disso, esta pesquisa tem como horizonte os objetivos específicos de compreender com base em embasamento teórico e revisão de literatura, práticas de ensino musical junto a jovens com deficiências. Também busca identificar estratégias mobilizadas pelos professores com jovens com Síndrome de Down, especificamente na instituição pesquisada, e por fim, refletir sobre o papel da educação musical no contexto da Síndrome de Down.

Diante do ofício do ensino de instrumento musical, em determinados momentos, professores se deparam com desafios pertinentes e indagações. Ao experienciar ministrar aulas em espaços formativos de música para adolescentes e jovens com Síndrome de Down, surgem inquietações acerca da aprendizagem desses jovens e as práticas pedagógicas que podem contribuir e/ou facilitar tais aprendizagens.

Em vista disso, discorrer sobre o ensino de instrumento para jovens com Síndrome de Down, bem como compreender como acontece o processo de ensino aprendizagem desses alunos pode constituir notável relevância para a academia, tendo em vista que muitas vezes, no ofício da docência professores frequentemente se deparam com alguns desafios e ministrar aulas a adolescentes e jovens com síndrome de Down é um deles.

Nesse contexto, a ausência de pesquisas acadêmicas a respeito da Educação Musical no município de Teresina - PI, especificamente sobre o ensino de instrumento musical com alunos com Síndrome de Down, foi a razão pelo qual ensejou-se esse presente trabalho.

A SÍNDROME DE DOWN

A Síndrome de Down é uma condição genética, definida por um cromossomo 21 extra nas células do corpo, conhecido também por trissomia do 21. Segundo Nascimento (2006) pode afetar, aproximadamente, 1 entre 700 indivíduos e, apesar do fato de qualquer casal poder gerar um filho com a síndrome, acomete com maior frequência fetos de mulheres acima dos 35 anos. As principais características de pessoas com Síndrome de Down estão: olhos amendoados, rosto

arredondado, mãos menores com dedos mais curtos, prega palmar, orelhas pequenas, dificuldades motoras, língua protusa (para fora da boca), estatura baixa, doenças cardíacas e comprometimento intelectual. Este desequilíbrio no cromossomo culmina em um atraso no desenvolvimento mental e crescimento físico.

Os primeiros relatos da deficiência mental, mais tarde intitulada como Síndrome de Down, surge com descrições de sintomas peculiares em alguns pacientes. “Tais indivíduos, apresentavam características incomuns durante o seu desenvolvimento físico e mental.” (GOMES et al, 2018 p. 2).

De acordo com Mosawi (2018), apesar de alguns relatos e investigações prévias terem sido realizados anteriormente pelo psiquiatra francês Jean- Étienne- Dominique Esquirol e posteriormente pelo psiquiatra Edouard Onesimus Seguin, foi a partir do período entre 1862 – 1866 (Séc. XIX) que o médico inglês John Langdon Haydon Down aprofundou estudos a respeito desse distúrbio cromossômico. Down, coordenava um centro de tratamento para crianças com disfunção motora e cognitiva. Deste modo, observou dentre alguns infantes traços similares em sua aparência, cujo comportamento, também, era marcado pela amabilidade.

A EDUCAÇÃO MUSICAL E SÍNDROME DE DOWN

Considera-se que compreender as características da Síndrome de Down seja o primeiro passo para o docente que anseia relacionar-se com as práticas de ensino inclusivas dentro do aspecto da educação musical. Uma vez conhecendo as questões ligadas às especificidades de desenvolvimento, pode-se, a partir disso, elaborar atividades que venham estimular o aluno com Síndrome de Down nas práticas educacionais musicais.

Segundo ressalta Silva e Andrade (2016) algumas podem aprender a ler e a escrever mais rápido do que outras, demandando métodos que sejam ideais para cada uma. Além disso, elas apresentam um tempo de atenção menor, precisando ser estimuladas, desde o nascimento, a fim de que vençam suas limitações e amadureçam suas funções neurais, permitindo-as aprender e desenvolver. Nesse sentido, “a música valoriza e implementa competências sociais, reforça a importância da socialização e cidadania entre pares, e proporciona uma melhor abertura ao respeito e amizade” (ROCHA, et al 2018 apud MOREIRA, 2004. p. 142).

Sabe-se que a música abre caminhos nesse processo para novas aprendizagens, compreensões de mundo, permite melhoria na autoestima e interação social, ampliando as habilidades de dicção, aspectos essenciais para que haja superação das dificuldades e limitações possíveis em educandos com certos tipos de deficiências (ANDRADE et al, 2016). Dentro das

Música e inclusão: ensino de música para estudantes com Síndrome de Down em um projeto na cidade de Teresina Piauí

práticas musicais, é normal se utilizar no processo ensino aprendizagem cantigas infantis, flauta doce, instrumentos de percussão para exploração sonora e percussão corporal, podendo tudo isto ser conciliado ao ensino de instrumento também.

No que se refere a memória, “a criança com Síndrome de Down pode ter dificuldade em reter informações, tanto por limitações ao recebê-las e processá-las, como para consolidá-las e recuperá-las” (RAVAGNANI, 2009 p. 22). Diante disso, o planejamento de atividades que estimulem a memória visual para auxiliar a memória auditiva é de grande importância.

Segundo apontam Gomes et al (2018) algumas propostas de atividades podem ser levantadas para auxiliar no processo de desenvolvimento neuropsicomotor da pessoa portadora de síndrome de Down, na compreensão do mundo interior e do ambiente, dentre as propostas de atividades apontadas estão as atividades que se fundamentam no fazer e na construção musical segundo os educadores Dalcroze, Kodaly e Orff. As abordagens propostas podem funcionar como auxílio a pessoa com síndrome de Down a desenvolver habilidades necessárias para o estudo do instrumento musical em si.

Ainda de acordo com os autores Gomes et al (2018) recomenda-se ainda que professor trabalhe atividades que desenvolvam o senso de lateralidade (esquerda, direita), orientação espaço-temporal (tempo e espaço) e equilíbrio (Coordenação superior e inferior).

Diante desse contexto, o professor deve estar sensível a aspectos ligados a evolução da fala, da atenção e do fortalecimento dos vínculos das com pessoas com Síndrome de Down. O caráter afetivo é um ponto sensível, apesar de possuírem como uma característica latente a amabilidade, pois quando não se empatizam tendem a demonstrar-se mais fechados e pouco dispostos.

O lado da simpatia também é, sem dúvida, um ponto a ser constantemente trabalhado pelo professor que lida com essas as especificidades de desenvolvimento. “Para o desenvolvimento de uma prática docente inclusiva não existe uma receita e não é uma tarefa simples de ser desempenhada” (SILVA E ALMEIDA, 2018, p. 86). Nesse sentido:

[...] como educadores, deveremos ter por base que os processos são treináveis, seguindo uma filosofia de igualdade perante todos, tendo apenas em atenção um processo mais lento devido ao atraso de desenvolvimento, pondo em prática uma intervenção e adequação que respeite a especificidade e as diferenças estruturais inerentes à criança com esta ocorrência, conseguindo com isso resultados mais positivos ao nível das aquisições (ROCHA, PAULO E RIBEIRO, 2018, p. 138).

Nessa perspectiva, o ensino de instrumento musical com pessoas com Síndrome de Down é perfeitamente possível, porém, deve seguir um ritmo e uma abordagem específica para cada

pessoa, buscando um trabalho interativo entre a educação especial, inclusiva e o ensino de instrumento. Deste modo, a Educação Musical e a Síndrome de Down podem caminhar juntas, para além de uma atividade direta ou indiretamente terapêutica, mas sobretudo como aplicação pedagógica, fazendo com que esses alunos aprendam música, de fato.

REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Negreiros (2014) durante um longo período da história, houve um atraso na inclusão de pessoas com deficiência em larga escala na sociedade como um todo, e no aspecto da educação muito mais. Isto, por forte influência do modo que sociedades antigas davam margem a credices. Ainda segundo o autor, havia no passado grande tabu em relação aos nascidos com deficiências físicas demonstrado em uma visão intolerante para com essas pessoas em algumas sociedades os configurava como “incapazes”.

Ademais, Negreiros (2014) aponta que na Roma antiga, além de não haver nenhum reconhecimento de valor em pessoas com deficiência, estas pessoas muitas vezes eram executadas ainda quando crianças, e quando não eram mortas, eram abandonadas nas margens dos rios ou em lugares considerados sagrados para serem recolhidas por famílias da plebe.

Nesse contexto, uma escola inclusiva constitui-se como “aquela que pretende dar resposta às necessidades de todos os alunos, sejam quais forem as suas características, nas escolas da sua comunidade e, sempre que possível, nas classes regulares dessas mesmas escolas” (CORREIA, 2001. p. 128).

Na esfera da Educação Musical, para que trabalhos desse tipo sejam bem-sucedidos é necessário, à princípio, “a compreensão de que todos, incluindo os alunos com deficiência, são capazes de construir conhecimentos e habilidades específicas referentes à Arte Musical, sejam eles teóricos, práticos ou instrumentais” (SILVA E ALMEIDA, 2018, p 85).

Dentro dessa perspectiva, Penna (2006) elenca que projetos sociais são eficientes no ensino das artes e tem finalidades contextuais capazes de desenvolver a autoestima, autonomia, dentre outros sentimentos além da flexibilidade de pensamento que podem trabalhar com a cristalização do saber artístico, além de possivelmente influenciar na escolha da profissionalização.

Nesse sentido, o trabalho realizado com pessoas com deficiência nesses espaços torna-se mais inclusivo uma vez que são observadas as limitações e especificidades dessas pessoas, na busca de abordagens mais apropriadas às mesmas.

METODOLOGIA

A presente pesquisa transcorreu em um projeto com ensino de música na cidade de Teresina - Piauí. Foram entrevistados dois professores de instrumento musical da mesma instituição e por questões éticas estão preservados tanto o nome da instituição quanto as identidades dos professores colaboradores.

A metodologia utilizada neste trabalho é a de estudo de caso (paradigma qualitativo) que segundo Aires (2015) no que se refere à estratégia de pesquisa, compreende um conjunto de capacidades, pressupostos, pressuposições e práticas que os investigadores aplicam à medida que passam do campo teórico (paradigmático) ao campo empírico.

No que se refere ao instrumento de coleta de dados utilizado no presente trabalho foram entrevistas semiestruturadas realizadas com dois professores sendo um deles professor de teclado e o outro professor de bateria, do referido projeto, por meio de webconferência na plataforma “*Zoom Meetings*”.

Essas entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para a realização da análise dos dados coletados. Por questões éticas, os professores serão citados no corpo desta pesquisa como “Professor A” e “Professor B”.

De acordo com Penna (2015), a entrevista semiestruturada se constitui como a mais indicada para as pesquisas qualitativas, sendo permitido, por exemplo, tanto solicitar informações sobre a formação ou experiência do professor ou educador, como buscar com mais flexibilidade as concepções ou significados que atribui à sua própria prática.

A pesquisa tem como foco compreender como os professores lidaram ou lidam com as especificidades de ensinar instrumento musical para alunos com síndrome de Down, buscando, assim, compreender mais sobre esse universo específico das estratégias de ensino e dificuldades.

Contudo, diante dos dados coletados, foi realizada dentro dessa metodologia uma análise temática que, segundo Braun e Clarke (2006), é um método que busca identificar, analisar e relatar padrões de temas dentro dos dados, organizando e descrevendo um conjunto de dados em ricos detalhes o que possibilita categorizar informações que em seu conjunto podem dialogar em esferas específicas e ajuda na sistematização da análise.

ANÁLISES E RESULTADOS

No que concerne as estratégias de ensino os professores discorreram sobre como aplicam as suas estratégias, metodologias e abordagens de ensino de instrumento musical dentro do contexto da Síndrome de Down. Ambos os professores disseram que se utilizam de material não convencional em suas aulas como partituras não tradicionais, ou seja, com notação não normalmente utilizada na linguagem musical.

A abordagem escolhida pelos professores encontra amparo no que afirma Silva e Almeida (2018) ao apontar que se faz necessário que algumas adaptações pedagógicas precisem ser feitas para facilitar a aprendizagem do aluno com deficiência e promover sua participação integral na aula.

O professor (A) aponta ainda que busca desenvolver bastante o lado rítmico, auditivo, e sensorial do aluno. Diante disso, cantarola as músicas com eles, utiliza palmas para acentuar os ritmos e nos dedilhados adapta as notas musicais para números o que pode ser mais facilmente associado por eles, além de buscar despertar neles a percepção da dinâmica dos sons. Além disso, ambos os professores (A) e (B) apontaram que fundamentam suas abordagens em grande medida pela imitação e repetição.

Tais práticas vão ao encontro do que Rocha, Paulo e Ribeiro (2018) ressaltam no sentido de que cantar e tocar um instrumento musical, individualmente ou com outras pessoas, pode constituir um paralelismo de comunicação, coordenação, despertar de emoções e expressão de sentimentos, principalmente em crianças com déficit cognitivo e motor.

No que se refere as estratégias de ensino, o professor (A) afirma que tem como foco principal fazer com que os alunos toquem com a mão direita executando a melodia da música, se utilizando de melodias que girem em torno das cinco primeiras notas da escala de Dó maior por um grande período, para ser mais facilmente administrável pelo aluno e persegue também a meta de fazê-los tocar com o dedilhado correto. “Isso deve ser trabalhado exaustivamente” afirma o professor. Isto, sem dúvida representa um caminho para a prática musical desses alunos no instrumento.

Entretanto, vale salientar que essa abordagem pode em um primeiro momento ser desestimulante para o aluno uma vez que não considera os seus gostos musicais pessoais e o seu universo cultural tendo em vista que muitas delas podem estar inseridas fortemente em cultura musical que se figura em músicas que não necessariamente se enquadram dentro desse padrão de cinco dedos, não sendo incomum esses alunos trazerem essas demandas musicais para aprenderem

Música e inclusão: ensino de música para estudantes com Síndrome de Down em um projeto na cidade de Teresina Piauí

na aula de instrumento; contudo, o professor (A) não demonstra ou menciona como age dentro desse contexto específico.

Por outro lado, a professora (B) já menciona de pronto essa estratégia do uso do universo musical do aluno para construir um aprendizado musical instrumental dentro desse contexto. Vale ressaltar que a professora (B) por ser professora de percussão se utiliza primeiramente de padrões rítmicos de determinados estilos musicais, para posteriormente aplicar na música que é do gosto do aluno. “Gosto de seguir o que eles gostam de ouvir”, afirma a professora.

De acordo com Poker (2008) conhecer cada aluno individualmente, seu diagnóstico, seus limites e possibilidades, torna-se fundamental para a prática docente inclusiva, pois assim será possível identificar as suas capacidades e gostos possibilitando a organização dos objetivos e conteúdo de acordo com cada ritmo de aprendizagem, a utilização de metodologias diferenciadas, e a avaliação processual e emancipadora, acompanhando e valorizando o seu progresso.

A tarefa docente dentro do aspecto inclusivo não é algo fácil de desempenhar. Silva e Almeida (2018) argumentam que para o desenvolvimento de uma prática docente inclusiva não existe uma receita, e que esta não é uma tarefa simples de ser desempenhada.

Nesse contexto, a inclusão segundo Silva (2009) exige múltiplos saberes da prática do professor, uma mudança de atitudes, hábitos e valores e um forte compromisso com todos os alunos. Ainda de acordo com Silva (2009), essa tarefa exige dos educadores “empenho, disponibilidade, predisposição para a aprendizagem, qualificação, exercício de pensar criticamente a própria prática e não conformidade com o discurso da acomodação, do silêncio imposto” (SILVA,2009, p. 186).

Nesse sentido, quando questionados sobre suas dificuldades frente a esse desafio de lecionar para alunos com Síndrome de Down, ambos os professores apontam a falta de materiais adequados e especializados para esse tipo de aluno. Além disso, a falta de estímulo familiar e senso de importância do estímulo de estudos para além da sala de aula, fatores que limitam ainda mais o processo de aprendizado desses alunos, que por sua vez já possuem um ritmo de aprendizado mais lento. Nesse sentido, do apoio familiar o professor (A) destaca:

Professor (A): “a gente sabe a questão da coordenação não é uma coisa que a gente aprende de um dia pro outro tem que ter treinamento diário, tem que ter determinados estudos a gente sabe que nem todos fazem, ali é com você na sala de aula, quando ele chega na casa dele o pai não vai botar um teclado pra ele estudar, né?! vai botar outras coisas, eles fazem outras coisas, então o único momento que ele pega no teclado é ali comigo”.

No que concerne a compreensão e estímulo familiar, os autores Rocha, Paulo e Ribeiro (2018) enfatizam a importância dos fatores ambientais, tais como a qualidade do meio, o ambiente familiar, o nível social e as habilitações dos pais nesse processo de compreensão e apoio aos professores e ao aprendizado musical do aluno. Assim, os professores (A) e (B) ressaltam em suas falas: Professor B: “A dificuldade maior é o preconceito em relação a esses alunos com Síndrome de Down, você não tem material adequado, você que tem que se virar pra saber como é que faz.”

Nessa perspectiva, nenhum dos professores (A) e (B) citou fazer uso de uma possibilidade metodológica que é a dos jogos musicais, que sem dúvida poderiam representar um caminho que viesse a dar suporte a essas práticas devido à ausência de materiais especializados.

Nesse sentido, Wille et al (2018) aponta que os jogos e brincadeiras musicais permitem a imitação e a repetição de gestos e falas, projetando, assim, uma familiaridade para a criança, proporcionando segurança no ambiente sonoro, e nesse ambiente, é possível realizar a inclusão da criança durante a realização das atividades.

Assim, “a música busca realizar suas atividades com a educação infantil a partir de recursos lúdicos de ensino e aprendizagem” (Wille et al, 2018, p. 2015). De acordo com a autora “este meio lúdico utilizado na educação musical, é provocado por um ambiente sonoro, rico e dinâmico, que pode ser percebido a partir da realização de atividades e jogos musicais”. Destacamos que o jogo educativo é a “mistura da ação lúdica com a orientação do professor, com vistas à aquisição de conteúdos ao desenvolvimento de habilidades” (WILLE et al, 2018, apud KISHIMOTO, 2002, p.215).

Ademais, ainda nesse contexto das dificuldades, foi indagado aos professores sobre suas visões com relação a capacidade de desenvolvimento dos seus alunos no contexto da síndrome de Down e se haveria algo impossível ou muito difícil de ser realizado no ensino de instrumento com esse perfil de alunos. Nesse aspecto, os professores apontaram:

Professor A: “A minha dificuldade é sempre fazer a coordenação, que eles toquem as duas mãos no tempo hábil... esse é o único ponto que pra mim é a dificuldade deles, se eu trabalhar algo somente com a mão direita eles fazem tranquilamente somente com a mão direita, se eu trabalhar somente a mão esquerda, eles vão fazer tranquilamente, agora quando é pra juntar... pra mim, esse é o ponto de grande dificuldade deles”

Professor B: “Tem dificuldade, né?! mas também tem que saber qual é o nível da Síndrome de Down do aluno, por exemplo, eu tinha um aluno...o grau dele do Down era grau um...ele tinha uma capacidade de aprender muito, tocava a bateria, fazia as viradas, fazia tudo direitinho até melhor do que quem não tem Síndrome de Down, agora tem outros que tem maior dificuldade... e maiores limitações.

A partir da fala dos professores, se evidencia as diferenças já mencionadas anteriormente entre alunos com Síndrome de Down. Alguns apresentam dificuldades específicas

de coordenação e outros, no entanto, demonstram certa facilidade nessa mesma competência, de modo que o professor sempre é direcionado a atuar tendo como foco a necessidade daquele aluno em específico, seja na coordenação, seja no ritmo, seja na percepção, seja na memorização, dentre outros.

Esse ponto, vai de acordo com o que Poker (2008) ressalta ao explicar ser necessário conhecer cada aluno individualmente, seu diagnóstico, seus limites, suas possibilidades, para que então, o professor possa organizar os objetivos e os conteúdos de acordo com o ritmo da aprendizagem, se utilizando de metodologias diferenciadas e avaliações desse processo.

O trabalho de inclusão, conforme Silva (2009), exige múltiplos saberes da prática do professor, uma mudança de atitudes, hábitos e valores e um forte compromisso com todos os alunos. Para a autora, essa tarefa exige dos educadores, o empenho, a disponibilidade, predisposição para a aprendizagem, qualificação necessária, e exercício de pensar criticamente a própria prática.

No entanto, “alguns estudos sugerem que muitos professores de Música, que atuam em escolas, se sentem despreparados para desenvolver um ensino inclusivo coerente e sensível” (SILVA; ALMEIDA, 2018, apud KEBACH; DUARTE, 2008; RABÉLLO, 2009; SOARES, 2012), devido à ausência de capacitação em sua formação inicial.

Diante desse contexto, os professores participantes dessa pesquisa dialogaram um pouco sobre o sentimento de despreparo para tais desafios impostos pelo ensino inclusivo dentro da perspectiva da Síndrome de Down.

Nesse sentido, o professor (A) enfatiza “Eu não me sinto preparado para dar aula com aluno Síndrome de Down”, e revela por meio da sua fala que mesmo que busque conhecimento nos livros, somente a vivência, somente a prática, e o contato diário com os alunos é que vai abrindo espaço para possibilidades e adequações necessárias, muitas vezes se utilizando de abordagens utilizadas para alunos que não possuem a síndrome de Down para adequar suas práticas.

O professor (A) aponta ainda, que nem sempre esse contato com alunos com deficiência é constante, por muitas vezes o professor fica responsável por turmas onde não há alunos com deficiência e demora bastante para assumir outra turma, e essa falta de constância também é um fator limitador de um aprendizado mais sólido por parte do professor, porém, apesar desses fatores limitadores consegue obter resultados positivos dentro das suas práticas.

Por outro lado, a professora (B) enfatiza que no começo não sentia preparo algum para lidar com desafios tão grandes como o do ensino inclusivo, porém, hoje depois de alguns anos tendo contato com esse contexto sente-se mais bem preparada do que outrora. Ressalta ainda que

buscou se qualificar em um curso de psicopedagogia o que sem dúvida a auxiliou a compreender melhor as deficiências, e as adequações minimamente necessárias, “estou preparada” afirma a docente.

Nesse contexto, “são muitos os fatores que interferem no êxito da práxis pedagógica” (SOUZA, 2012, p. 142). De acordo com a autora, existem fatores específicos de cada sala de aula, de cada professor, de qualificação, do contexto social, das políticas de carreira e remuneração de professores, das características de cada escola, entre outros, que interferem na prática pedagógica.

Diante desses fatores, o professor (A) faz uma autoanálise em sua fala: “eu me pergunto, como seria se eu fosse mais bem preparado? Se eu conhecesse melhor a área? Se eu tivesse uma melhor estrutura? Se eu conhecesse melhor os alunos? Se eu conhecesse melhor a técnica, né?! Então, com certeza eu obteria resultados melhores, então eu não me sinto preparado, a gente faz o que é possível, mas a gente sabe que poderia ir muito mais além”, afirma o professor.

A respeito dos professores apontarem respostas diferentes sobre preparo nesse ponto, ambos concordam que somente a prática e vivência docente dentro desse contexto pode de fato orientar o professor a agir de acordo com o caso e com as especificidades do aluno, não afastando a extrema importância do professor buscar estudar, se aperfeiçoar, se inteirar, e conhecer mais sobre a patologia e sobre as múltiplas ferramentas e possibilidades disponíveis, para a partir disso trazer esses conhecimentos para o seu planejamento e sua estratégia. No que se refere ao aspecto estrutural em específico, ambos os professores (A) e (B) colocaram na sua fala que as escolas e instituições ainda não estão preparadas para o aspecto inclusivo em sua plenitude.

O professor (A) enfatiza: “Não estamos preparados e quando eu falo que não estamos preparados não é só escola de música, não! É a escola em geral, a gente não tem infraestrutura para receber esses alunos por diversos motivos”. Já a professora (B) ainda acrescenta nesse ponto: “além de não estarem preparados, não querem arcar com as despesas de capacitar o professor.”

Tais afirmações, ainda encontram amparo no que Guebert (2007) discute a respeito da existência de várias dificuldades que são vivenciadas nas escolas brasileiras, “a começar pela infraestrutura para atender às necessidades dos alunos – independentemente do seu nível de ensino e limitação” (GUEBERT, 2007, p. 22).

Diante desse contexto, onde não há infraestrutura adequada nem preparo cem por cento adequado a essas necessidades especiais, cabe ao professor tomar por conta própria as iniciativas necessárias e trabalhar com os materiais possíveis e com os que estão ao seu alcance. “Portanto, o bom desenvolvimento do ensino musical na escola depende também da criatividade do professor” (SILVA E ALMEIDA, 2018, p. 88).

No que tange as perspectivas futuras, diante de todo o quadro atual da educação musical inclusiva no Brasil, os professores (A) e (B) colocaram visões otimistas sobre o avanço desse processo civilizatório dentro do campo da educação musical.

O professor (A) dialoga que embora os entraves sejam grandes, em dez anos as discussões sobre a inclusão vêm em uma crescente e com isso as colaborações coletivas na construção de um avanço nesse tema, “as vezes mais lento do que o ideal, mas estamos caminhando”, afirma o professor.

Ainda nesse contexto, a professora (B) expõe que as expectativas de um avanço nessa área são as melhores, as discussões e as possibilidades que têm sido discutidas a fazem crer em uma ampliação dos horizontes sobre esse tema e do aperfeiçoamento docente, além do melhoramento estrutural das instituições no ensino inclusivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo dialogar sobre o ensino de instrumento com alunos com a trissomia do cromossomo 21 ou Síndrome de Down. Buscou-se compreender quais as metodologias, abordagens, estratégias e os meios utilizados pelos professores para viabilizar esse ensino diante dos desafios impostos e das especificidades desses alunos.

Dentro dessa perspectiva, o trabalho dialoga sobre a educação musical, educação inclusiva e educação especial. Nesse contexto, discorre sobre as principais características desses alunos, as suas necessidades especiais, as possibilidades dentro da perspectiva do ensino do instrumento, as adaptações necessárias e as melhores estratégias de ensino para esse público em específico.

Diante disso, cada entrevistado teve a liberdade de explicar como lida com esses alunos dentro das mais diversas complexidades. Assim, exprimiram como lidam com as limitações e os aspectos psicomotores, socioafetivos e estruturais, narrando as estratégias e abordagens que construíram com base nas suas experiências docentes.

Desse modo, pode-se observar a importância de ampla inclusão desses alunos na Educação Musical e no ensino de música instrumental, para além de intuitos meramente terapêuticos, mas com finalidades artístico culturais, uma vez que alunos com Síndrome de Down possuem a capacidade de aprendizado, como uma pessoa que não tem a síndrome, sendo as únicas diferenças o maior tempo de desenvolvimento e as estratégias necessárias para viabilizar esse aprendizado.

Percebemos assim, a necessidade de maior investimento em capacitação de professores para lidarem com essas especificidades. No trabalho docente é fundamental que o professor tenha

uma maior orientação das melhores abordagens uma vez que lidam com alunos que à princípio podem demonstrar-se fechados, pouco dispostos, ou não cem por cento familiarizados com a linguagem e a simbologia musical.

Nessa perspectiva, cada professor observou, fatores, realidades e contextos específicos para adaptar o ensino musical de instrumento para esses alunos, tendo ciência de que apesar de apresentarem as mesmas características da trissomia 21, eles diferem entre si nos mais diversos aspectos, dentre os quais, as habilidades específicas, o comportamento, e o afetivo.

Vale ressaltar também a grande carência de estrutura tanto física quanto curricular que atenda às necessidades especiais desses alunos, uma vez que o professor necessita de maior tempo de contato com eles para viabilizar um aprendizado mais sólido, hábil e efetivo.

Ressalta-se que os fundamentos da inclusão não se caracterizam tão simplesmente pelo agrupamento de alunos com Síndrome de Down com alunos não especiais, mas a inclusão se dá na medida que o acesso desse público ao ensino musical, educação musical e a cultura, se dá dentro da observância de suas necessidades específicas e do fornecimento das ferramentas e dos meios necessários para o atendimento dessas mesmas.

Conclui-se este trabalho com a reflexão de que se deve atuar ainda mais em políticas públicas, institucionais, estruturais e sociais em favor de um acesso mais adequado aos alunos com Síndrome de Down no que concerne o ensino de instrumento musical.

O professor deve buscar agregar cada vez mais conhecimentos prévios e habilidades não somente sobre a Síndrome de Down em si, mas também, sobre as mais diversas deficiências para a validação e o sucesso das suas abordagens pedagógicas com seus alunos.

Deste modo, a formação docente deve desbravar novos meios de atuação, para a sala de aula seja vista ainda mais como um local de conexões, possibilidades e tensões, tornando-se um ambiente de partilha e jamais de exclusões.

Por fim, este trabalho representa apenas uma das primeiras sementes lançadas em uma terra que necessita prosperar ainda mais. Deixo em aberto para quem sabe outros pesquisadores possam regar essas sementes aprofundando essa temática em outros trabalhos, dissertações e teses, ampliando as discussões não apenas no terreno específico da Síndrome de Down, mas de todas as deficiências, tornando cada vez mais o ensino plenamente inclusivo.

REFERÊNCIAS

BRAUN, V. CLARCKE, V. **Qualitative Research in Psychology**, 3^{er}d ed. 2. p. 77-

Música e inclusão: ensino de música para estudantes com Síndrome de Down em um projeto na cidade de Teresina Piauí

101.2006. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3563462/mod_resource/content/1/Braun%20e%20Clarke%20-%20Traducao_do_artigo_Using_thematic_analys. Acesso em: 09. Set. 2020.

CORREIA, Luísa. **Educação inclusiva ou educação apropriada? Educação e diferença: valores e práticas para uma educação inclusiva**. Porto: Porto Editora, 2001.

GOMES, Brenda. DIAS, Geisy. PAULINO, Kamily. LIMA, Lorena. LIMA, Wugh. **EDUCAÇÃO MUSICAL E SÍNDROME DE DOWN**. V CONGRESSO PARAENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 17.19 de out. 2018 – UNIFESSPA/Marabá-PA ISSN 2526-3579.

LOURO, V. S. **Fundamentos da Aprendizagem Musical da pessoa com deficiência**. São Paulo: Editora Som, 2012.

MOSAWI, Aamir Al. **Down Syndrome Atlas**. Alemanha, editora: Lambert Academic Publishing. 2018. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/323995293_Down_syndrome_Atlas. Acesso em: 11/11/2021

NASCIMENTO, Márcia Leody Corrêa. **“Síndrome de Down”**. 2006. Disponível em:
http://marcia.nascimento.eng.br/02_down.pdf. Acesso: 18/10/2021.

NEGREIROS, Dilma de Andrade. **Acessibilidade Cultural: por que, onde, como e para quem?** Rio de Janeiro, 2014.

PENNA, M. **Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RAVAGNANI, Anahi. **A Educação Musical de Crianças com Síndrome de Down em um Contexto de Interação Social**. Curitiba, 2009. Dissertação (Mestrado em Música) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

SILVA, Crislany. ALMEIDA, Cristiane. **EDUCAÇÃO MUSICAL E INCLUSÃO: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS DE PROFESSORES DE MÚSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL**. *Rev. Arte e Inclusão*, v 14 n4 Out. Dez. 2018.

Submetido em: 16 de 08 de 2022.

Aprovado em: 19 de nov de 2022.

Publicado em: 28 de dez de 2022.